

# ***Representação e tradução no texto de Freud sobre as afasias<sup>1</sup>***

**Janaina Namba**

Pós-doutoranda em Filosofia na UFSCar.

Em 1891, Freud, em *Contribuição à concepção das afasias*, faz extensa crítica à neurologia do século XIX, que defendia uma localização anatômica cerebral para funções mentais. Logo no início desse texto, Freud afirma que se utilizará de casos já descritos na literatura para propor uma nova concepção de afasias e destaca que o funcionamento da linguagem se encontra intrinsecamente ligado ao funcionamento psíquico: "os processos fisiológicos não são interrompidos onde começam os processos psíquicos,"<sup>2</sup> esses últimos não seriam localizáveis como ditava a neurologia da época, mas estariam encadeados e em situação de dependência com os processos fisiológicos. Como consequência teríamos que a ativação do córtex cerebral, decorrente de uma excitação nervosa, seria ela própria responsável pela modificação do tecido cortical, funcionaria como uma impressão, uma marca no tecido, que viria a registrar uma possibilidade de memória. Memória essa que não se encontra, portanto, circunscrita em células, embora tenha como substrato o tecido nervoso, "lugar" por onde percorrem estímulos provenientes tanto do interior quanto do exterior do corpo. Esses estímulos estariam inscritos como traço, como representação. E as representações continuam a ser imagens, mas que, segundo Luiz Roberto Monzani, "não possuem mais o valor representativo conferido pelo pensamento clássico, subsistem em função do que são e do lugar em que estão."<sup>3</sup> Essas representações que envolvem a memória são inconscientes e só farão

<sup>1</sup> Texto extraído da tese de doutorado *Expressão e linguagem: aspectos da teoria freudiana*, defendida em 2010, na UFSCar, sob a orientação do prof. Dr Luiz Roberto Monzani.

<sup>2</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies*, p. 105.

<sup>3</sup> Monzani, L. R. "O suplemento e o excesso" in *Freud na filosofia brasileira*, p. 129.

parte da consciência ao se unirem às representações verbais, ou seja, possuem um funcionamento autônomo e encadeado que depende de ligações intrínsecas ao aparelho psíquico: "elas não reenviam mais a nada a não ser a si mesmas e à cena de que fazem parte."<sup>4</sup>

Como afirma Valerie Greenberg, "ao negar a teoria da projeção nervosa, Freud oferece um termo próprio: representação. E são as próprias evidências anatômicas que mostram que a imagem da periferia deve ser reconstituída".<sup>5</sup> Pode-se dizer então que a representação é ela própria uma **interpretação**, pois reconstitui o caminho que se deu desde a periferia até o córtex cerebral como uma interpretação feita pelo sonhador ao ser impelido pelo desejo de dormir no momento em que sonha. Nas palavras de Freud:

*[...] o desejo de dormir explica de maneira retorcida e caprichosa como se interpreta o estímulo externo. A interpretação correta da qual a alma dormente é perfeitamente capaz, reclamaria um interesse ativo e exigiria o cancelamento do sono; por isso, de todas as interpretações possíveis, só são admitidas aquelas compatíveis com a censura que o desejo de dormir exerce de maneira absolutista.*<sup>6</sup>

Se o sonhador **interpreta** o estímulo, ainda que de maneira desfigurada pela exigência da censura imposta pelo sono, podemos pensar na representação-palavra, ou na representação-objeto, a partir da forma como se apresentam, isto é, como complexos obtidos por reconstituição, por uma interpretação das impressões sensoriais individuais que percorreram diferentes vias e chegam ao córtex, onde por fim são associadas de uma forma que não corresponde exatamente ao estímulo externo aplicado na periferia do corpo.

Uma **representação-objeto** é composta de elementos visuais, táteis, acústicos e outros; a **representação-palavra** é composta por quatro elementos principais, "imagem motora

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Greenberg, V. *Freud and the aphasia book*, p. 119

<sup>6</sup> Freud, S. "La interpretación de los sueños" in *La interpretación de los sueños (primera parte)*(1900), v. IV, p. 246

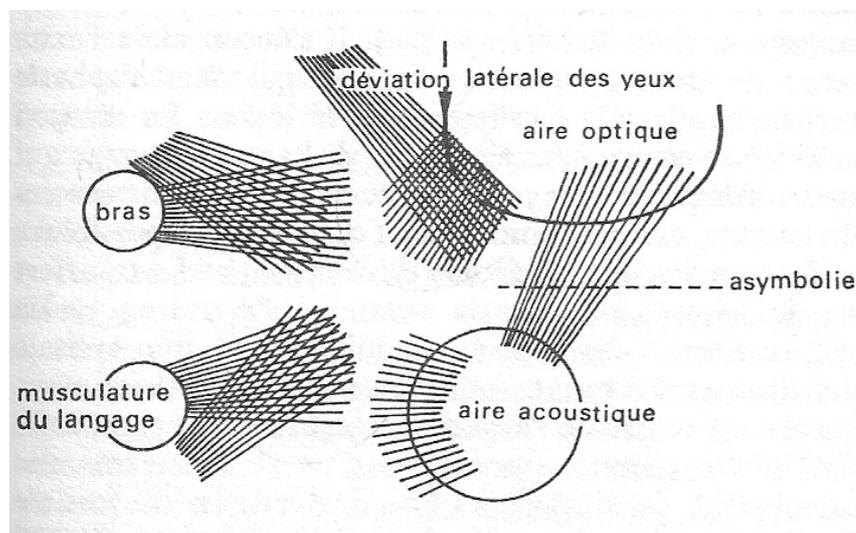
da linguagem", "imagem visual da letra", "imagem sonora" e "imagem motora da escrita". Estas representações são processos associativos complexos, nas quais os elementos se ligam uns aos outros, sejam eles elementos da representação-palavra, sejam elementos de representação-objeto, sejam ainda representações de palavra e de objeto.

Freud alerta que o conhecimento dessa composição vem da patologia, baseada em casos de lesões orgânicas do aparelho de linguagem e no estudo da localização dessas lesões que podem ser observadas a partir das características deixadas pela supressão de um dos elementos de representação-palavra. A concepção freudiana das afasias implica que haja perturbações na própria composição da representação-palavra, ou seja, que haveria, no próprio plano da linguagem, uma dissociação entre a imagem visual da letra e a imagem sonora da palavra. Ou ainda, que haja uma perturbação da relação estabelecida entre representações de objeto e palavra, ou seja, uma perturbação da função que em si mesma determina uma localização. As afasias serão classificadas em afasias de primeira ordem, ou **afasias verbais**, nas quais a perturbação ocorre entre os elementos que compõem a representação-palavra; em afasias de segunda ordem, ou **afasias assimbólicas**, nas quais a relação entre as representações de objeto e de palavra se encontra perturbada; e em afasias de terceira ordem, ou **agnósicas**, em que não há o reconhecimento do objeto, nem mesmo é feita uma associação entre o objeto e sua representação visual.

Para a localização dos distúrbios acima descritos, Freud se utilizou de um esquema abstraído das situações anatômicas reais, pretendendo mostrar apenas as relações existentes entre os diversos elementos de associação da linguagem a partir de áreas corticais onde pudessem conter as relações dos elementos da linguagem. O mesmo esquema é utilizado por ele na *Interpretação dos sonhos* (1900), quando adverte o leitor para não cair em tentação de determinar a localidade psíquica como se fosse uma localidade anatômica:<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Freud, S. "La interpretación de los sueños" in *La interpretación de los sueños (segunda parte); Sobre el sueño* (1900-1901), v. V, p. 529

"Neste esquema, os círculos não representam os ditos centros da linguagem, mas áreas corticais entre as quais ocorrem as relações de linguagem"<sup>8</sup>



E dele é possível extrair, ao observar uma afasia verbal, que lesões bem próximas a essas áreas de linguagem têm um efeito menos intenso que os da supressão dos elementos de associação da linguagem, o que ressalta que o aparelho de linguagem se utiliza de mecanismos puramente funcionais. Isso torna-se evidente quando há a supressão de um único elemento que leva a uma ruptura na relação com os demais elementos de outras áreas. Em casos de agnosia, que se deve normalmente a lesões extensas e bilaterais, o paciente se encontra com o aparelho de linguagem em perfeitas condições, mas não

Figura : Os centros de linguagem são representados pelos cruzamentos de feixes. As áreas corticais dos nervos acústico, óptico, e a musculatura do braço e da linguagem são representadas pelos círculos. As vias associativas que partem dessas áreas e chegam ao interior da área de linguagem estão representadas pelos feixes radiais. As ligações com a área óptica estão separadas em dois feixes, considerando que os movimentos oculares contribuem de maneira particular na associação da leitura. Ainda temos outras ligações bilaterais da área acústica que não estão indicadas, segundo Freud, tanto para não sobrecarregar o esquema quanto pela falta de clareza concernente à relação estabelecida entre a área auditiva e o centro acústico da linguagem.

<sup>8</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891), p. 131

consegue reconhecê-lo visualmente, só é capaz de nomeá-lo quando pode tocá-lo. Nas afasias assimbólicas, permanece a capacidade de repetição mesmo sem a compreensão da palavra repetida. Diferentemente das ecolalias, em que a repetição propicia uma compreensão de algo que não podia ser compreendido senão pela via auditiva, "a repetição parece ser um meio de retomar a complicada relação da palavra, entendida pelas associações com o objeto através de um reforço de sons verbais"<sup>9</sup>. Segundo Freud, as afasias assimbólico-verbais são mais frequentes que as assimbólicas puras, e se devem a lesões do elemento acústico da linguagem, conduzindo a uma desagregação tanto de associações dentro da representação-palavra quanto das associações estabelecidas entre representação-palavra e de objeto, podendo haver um quadro clínico semelhante ao da afasia sensorial de Wernicke, em que encontramos distúrbios de compreensão, de leitura e de repetição. Ainda que a linguagem espontânea não se encontre suprimida, é possível observar um empobrecimento desta última em fragmentos de discurso dotados, no entanto, de significação precisa.<sup>10</sup>

Aparentemente, Freud dá alguma importância ao "fator topográfico da lesão na sintomatologia dos distúrbios de linguagem"<sup>11</sup> perante duas condições: a primeira, quando a lesão está situada num centro de linguagem, e a segunda, quando o resultado diz respeito à perda de um dos elementos que intervêm na associação da linguagem (proposta no esquema). Mas Freud se refere aqui a uma topografia que ele mesmo propôs, de centros esquemáticos de linguagem. Trata-se, portanto, de uma topografia baseada na função mesma. A partir de uma alteração desse centro, há uma reação do aparelho de linguagem como um todo, que sofre um rearranjo funcional e reage gerando um rebaixamento das funções. Essa tese Freud encontra em Jackson:

*A fim de apreciar a função do aparelho de linguagem nas condições patológicas, esposamos a tese de Hughlings Jackson, segundo a qual todos os modos de reação representam casos de involução funcional de um aparelho altamente organizado e que corresponde às etapas anteriores no seu desenvolvimento funcional. Então, em todas as circunstâncias, um arranjo de associações que é*

<sup>9</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891), p.133

<sup>10</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891), p. 134

<sup>11</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891), p. 136

*ulteriormente desenvolvido e que é de um nível mais elevado se encontrará perdido, ainda que seja mantido um arranjo mais simples que foi adquirido anteriormente.*<sup>12</sup>

Novamente, podemos observar que a consideração da topografia não é estática nem é determinante para a disfunção, mas ao contrário, que a lesão se descobre pela perda da última função a ser adquirida, ou seja, pela desorganização de uma hierarquia funcional que causa uma interrupção das associações em cadeia. Como observa Forrester, Freud, ao dizer que o fenômeno afásico ocorre independentemente de uma localização, estava "pavimentando um caminho para o entendimento da histeria como lesão de uma ideia. Em ambos, histeria e afasia, esse entendimento dos dois sistemas de apresentação é conduzido pelas lesões".<sup>13</sup> Isto é, na histeria o afeto encontra-se reprimido, direcionado ao corpo, e a palavra permanece esvaziada na consciência, como se tivesse sido desvinculada de seu objeto; as palavras perdem seu significado, "tornam-se gestos", tal como no modelo da afasia assimbólica quando há uma falha na ligação entre as representações de objeto e de palavra, e as palavras deixam de ter sentido. Tanto nas afasias quanto na histeria, a topografia de uma lesão cortical, ou de uma determinada "ideia" patológica, não está calcada na anatomia cerebral, mas no funcionamento do próprio sistema nervoso, como se houvesse um esfacelamento das camadas funcionais que emergiram juntamente com o desenvolvimento nervoso e psíquico provocando uma estagnação num estágio precedente ao último estágio de desenvolvimento, isto é, numa camada funcional antecedente à camada funcionalmente esfacelada. Dessa maneira, se "Jackson estendeu a ideia de desenvolvimento progressivo e regressivo aos distúrbios mórbidos da função psicofísica cerebral, Freud foi muito além ao estendê-la aos distúrbios mórbidos do desenvolvimento psíquico total do homem".<sup>14</sup>

Apropriando-se do esquema jacksoniano, "Freud estava adotando a noção crucial de **níveis funcionais**",<sup>15</sup> uma vez que o desenvolvimento progressivo se deve também ao fato de que as operações do sistema nervoso central, que ascendem pelos tratos nervosos desde a periferia, passam por modificações funcionais até chegarem ao córtex cerebral. Como diz o próprio Freud na *Contribuição à concepção das afasias*, "uma fibra que se

<sup>12</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891), p. 137

<sup>13</sup> Forrester, J. *Language and the origins of psychoanalysis*, p. 30

<sup>14</sup> Binswanger, L. *Discours, parcours et Freud*, p. 191

<sup>15</sup> Fullinwider, S. P. *Sigmund Freud, John Hughlings Jackson and speech*, p.152

dirige ao córtex cerebral passa por uma modificação funcional a cada vez que emerge de uma substância cinzenta".<sup>16</sup>

Segundo Jackson, a cada nível funcional há um processo de integração com outros níveis, o que pode vir a confirmar uma determinada função ou reorganizá-la, alterando-a significativamente. Cada nível desempenha uma determinada função e o nível mais elevado seria o proposicional, no qual "a consciência em virtude de sua supremacia torna outros níveis inconscientes, ainda que não inativos. A chave desse nível proposicional se encontraria na fala".<sup>17</sup>

Com base nessas hipóteses, a decorrência de uma lesão dos elementos que compõem os centros de linguagem seria uma reação generalizada e uma regressão funcional a estágios anteriores no desenvolvimento da linguagem, já que Freud tem em vista a própria evolução do sistema nervoso baseada numa forma-função. Ao sistema nervoso restaria apenas uma involução sistemática, independentemente do motivo, uma perda funcional das "camadas mais exteriores", isto é, um retorno a um "arranjo mais simples", precedente no tempo.

Alguns anos mais tarde, nos *Estudios sobre histeria* (1895), Freud propõe que o "material psíquico de uma histeria figurasse como um produto multidimensional de pelo menos três estratos",<sup>18</sup> compostos por camadas concêntricas que envolvem um núcleo. O primeiro modo de estratificação é linear e cronológico, compõe uma camada e depende de um motivo determinado. No segundo modo de estratificação, encontram-se graus de crescente resistência à rememoração e de alteração de consciência, tendo como ápice o núcleo de recordações patogênicas que não sobreveio à consciência e não pode jamais ser lembrado conscientemente. O terceiro modo, que é, segundo o autor, o mais essencial, equivale a um ordenamento segundo o **conteúdo de pensamento**, em que é realizado um enlace de "fios lógicos", que se dirigem ao núcleo e compõem o sintoma de maneira sobredeterminada (*überbestimmt*). Neste caso, o entendimento do sintoma psíquico como multiplamente estratificado nos conduz a uma ideia de que o desenvolvimento do aparelho psíquico normal também se dá por níveis funcionais ou de sistemas psíquicos que obedecem a um mesmo princípio neurofisiológico, isto é, seguem a mesma regra que já havia sugerido anteriormente, sem haver ruptura entre o fisiológico e o psíquico.

Freud escreve a Fliess em dezembro de 1896:

<sup>16</sup> Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891), p. 102

<sup>17</sup> Fullinwider, S. P. *Sigmund Freud, John Hughlings Jackson and speech*, p.153

<sup>18</sup> Breuer, J y Freud, S. *Estudios sobre la histeria* (1893-1895), v.II, p. 293.

*Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico foi gerado por sucessiva estratificação, pois de tempos em tempos o material preexistente de traços mnêmicos experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição (Umschrift).<sup>19</sup>*

A suposição de que o material psíquico é gerado por uma estratificação decorrente do processo de inscrição e reordenamento dos traços de memória baseia-se num modelo de aparelho psíquico composto por sistemas. Segundo Freud, a memória não é preexistente de maneira simples, mas múltipla; ela é registrada em diversas variedades de signos. Compara o registro na memória com o reordenamento que os estímulos externos têm de passar desde a periferia até o córtex cerebral. Um estímulo externo é inscrito ao passar por vários estágios de ordenação a partir dos quais adquire representatividade e só assim pode ser lembrado. Supõe que ocorram ao menos três transcrições, que bem poderiam estar dispostas num substrato neural, mas afirma que "não de uma maneira necessariamente tópica".<sup>20</sup> Propõe então um esboço "sistemizado" e dividido em estágios composto por neurônios de percepção (P), que ligados à consciência (Cs) não carregam nenhum traço de memória. São eles: 1. Signos de percepção, pelos quais se dá a primeira transcrição, por simultaneidade, o que torna esses signos inacessíveis à consciência; 2. Inconsciência (Ics), quando ocorre a segunda transcrição, "talvez" por causalidade, que reforça a inacessibilidade à consciência; 3. Pré-consciência (PrCs), quando ocorre a terceira transcrição, a ligação dos traços de memória à representações-palavra: "desde esta pré-consciência, os investimentos se tornam conscientes segundo determinadas regras, e certamente esta consciência secundária é posterior na ordem do tempo".<sup>21</sup>

Este esboço feito de estratos é bastante semelhante ao esquema da *Interpretação dos sonhos*. Há, no entanto, algumas diferenças importantes entre eles, como, por exemplo, a primeira transcrição, que é um marco que assinala a transformação de uma percepção num signo perceptivo. Tudo o que é percebido pelo aparelho psíquico passa por um

<sup>19</sup> Freud, S. "Carta 52" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (1886-1899), v. I, p. 274

<sup>20</sup> Idem

<sup>21</sup> Freud, S. "Carta 52" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (1886-1899), v. I, p. 275

processo de representação desde a primeira transcrição; ou, como explica Forrester, é "como se houvesse uma tradução de todas as percepções em sua própria linguagem".<sup>22</sup> Um signo perceptivo não tem, por definição, acesso à consciência. Tão logo seja transcrito, afasta-se dela e aproxima-se mais de um signo de memória, permanecendo igualmente inacessível à consciência. Apenas ao passarem por uma terceira transcrição, ao serem ligados a representações-palavra, é que tais signos tornam-se então suscetíveis de consciência.

Dessa maneira, aquilo que um dia foi percepção, ao ser armazenado, torna-se um signo passível de ser sucessivamente transcrito ao longo de sistemas. Ao passar de um sistema ao outro, é preciso uma tradução, ou seja, há uma mudança funcional na medida em que um signo passa de um sistema a outro, tal como a mudança funcional de uma fibra nervosa cada vez que emerge de um núcleo cinzento: "Quero destacar que as transcrições que seguem umas às outras constituem a operação psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre duas destas épocas, deve ser produzida uma tradução desse material psíquico."<sup>23</sup>

Freud afirma que para ocorrer uma tradução é necessária uma inibição da "inscrição" anterior, e que a ausência de tradução implica uma vigência das leis psicológicas presentes no período anterior.<sup>24</sup> Em outras palavras, para que o material psíquico seja inscrito no sistema de memória, é preciso haver uma inibição do nível funcional anterior equivalente à percepção-consciência, e assim sucessivamente segundo o esboço utilizado na "Carta 52". Um processo de tradução negado<sup>25</sup> (*Versagung*) é o que Freud chama clinicamente de **repressão**, que se dá pelo possível desprendimento de prazer a ser gerado por uma tradução. "É como se este prazer convocasse uma perturbação do pensar e não consentisse o próprio trabalho de tradução".<sup>26</sup> Neste caso, temos uma "defesa patológica" gerada por algo previamente inibido, mas que, ao retornar à consciência, se torna responsável por um novo desenvolvimento de prazer como se fosse atual, e que,

<sup>22</sup> Forrester, J. *Language and the origins of psychoanalysis*, p. 25

<sup>23</sup> Freud, S. "Carta 52" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (1886-1899), v. I, p. 275

<sup>24</sup> Freud, S. "Carta 52" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (1886-1899), v. I, p. 276

<sup>25</sup> Optamos aqui por utilizar o verbo negar em vez de denegar como correspondente do substantivo *Versagung* utilizado por Freud, uma vez que o verbete *versagen*, de acordo com o dicionário *Langenscheidt*, indica negar, recusar.

<sup>26</sup> Idem

portanto, não chega a ser inibido por uma fase seguinte, cujo conteúdo material geralmente é revelado como sendo de "natureza sexual e ocorrido dentro de uma fase anterior".<sup>27</sup>

Podemos assim comparar a defesa patológica acima descrita ao que Freud chamará de repressão propriamente dita. Em 1915, ele se refere à repressão como um mecanismo de defesa que não se encontra presente desde a origem: "não pode engendrar-se antes que se tenha estabelecido uma nítida separação entre a atividade consciente e a atividade inconsciente da alma".<sup>28</sup> Esta separação não se dá apenas pelos diferentes modos de funcionamento dos sistemas, mas também pela presença de uma barreira de censura que estaria "localizada" entre os sistemas **pré-consciente** e **inconsciente**. Mas, antes da consolidação de uma defesa assim descrita, isto é, para que a repressão se confirme, deve haver uma repressão fundadora da barreira de censura, ou ainda uma repressão responsável pela divisão entre os sistemas. Trata-se de uma **repressão primordial** (*Urverdrängung*), em que a agência representante de pulsão tem o acesso à consciência negado. A partir de então, estabelece-se uma **fixação**, isto é, "a agência representante em questão persiste imutável e a pulsão segue ligada a ela".<sup>29</sup>

Se antes vimos que uma não-tradução do conteúdo psíquico se dá como um modo de evitar o desprendimento do desprazer, isto é, como uma defesa patológica, temos agora sintomas como seqüelas desse mecanismo repressivo, ou seja, a partir de uma lembrança ou da reativação de um traço mnêmico incompatível com a consciência, tem-se uma nova repressão, ainda que parcial: a lembrança penosa é substituída por outra, uma formação substitutiva mais apropriada à consciência, mesmo que passível de desprazer.

Freud se refere à agência representante de pulsão como uma representação, ou como um grupo de representações investidas por um determinado montante de energia ou de afeto.<sup>30</sup> Nos termos econômicos da teoria freudiana, como meta genuína da repressão,

<sup>27</sup> Freud, S. "Carta 52" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (1886-1899), v. I, p. 277

<sup>28</sup> Freud, S. "La represión" in *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916), v. XIV, p. 142. Aqui, alma é utilizada como psiquismo. No texto "Tratamiento psíquico" (tratamento da alma — *Psychische Behandlung* [*Seelenbehandlung*] de 1890), Freud comenta que o "tratamiento psíquico pode ser mais bem dito como tratamento desde a alma, seja ele de perturbações anímicas ou corporais, com recursos que de maneira primária e imediata influenciam sobre o anímico do homem". AE, v. I, p. 115.

<sup>29</sup> Freud, S. "La represión" in *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916), v. XIV, p. 143

<sup>30</sup> Cf. *Apêndice de das neuropsicoses de defesa, sobre a diferença entre afeto e energia*

tem-se "o sufocamento do desenvolvimento de afeto". Os afetos correspondem a processos de descarga de excitação, e em última instância são percebidos como sensações. Caso ocorra um aumento da excitação que não é sufocada, esse aumento corresponde a sensações desprazíveis. O desenvolvimento e desprendimento do afeto parte do sistema **inconsciente**, processo este que é reprimido à medida que se desenvolve. As representações, por sua vez, são traços mnêmicos investidos que se encontravam enlaçados a esses afetos. Sufocadas e afastadas da consciência, elas permanecem no inconsciente como **formação real** e atuante nesse sistema.<sup>31</sup> Ao serem reprimidas, as representações são separadas dos afetos, o que redundará na perda de investimentos pré-conscientes e no ganho de investimentos provenientes do inconsciente. As representações podem receber investimentos originariamente inconscientes, ou tais que, originados no pré-consciente, foram reprimidos e se tornaram inconscientes.

Tomando-se essas considerações à luz da "Carta 52", em que "cada reescritura posterior inibe a anterior, retirando-lhe o processo excitatório (e desviando-o para si)",<sup>32</sup> podemos concluir que toda vez que não houver uma reescritura posterior, haverá uma indicação de que aquela inscrição passou pelo processo de repressão, permitindo que a excitação circule segundo as leis vigentes do período anterior, já que não houve um desvio da excitação para o que seria então traduzido. Todavia, o processo de repressão propriamente dito reforça o mecanismo originário da repressão primordial, que foi definido anteriormente pela pulsão que segue ligada ao seu representante. Isto parece contraditório se levarmos em conta que a repressão é responsável por uma separação entre montante de afeto e representação. Cabe lembrar, no entanto, que a repressão primordial não existe desde o início, mas é estabelecida, e pode ser pensada como fundadora de uma separação na medida em que forma um novo tipo de representação ao unir pulsão e representação. Se temos então uma repressão que é reforçada por um mecanismo contrário ao mecanismo original, isto é, um reforço que é agente de uma separação, isto só é possível porque na representação primordial encontra-se a fundação de uma representação-modelo em que representante e pulsão encontram-se atados.

Essa ligação-modelo primordial oferece a possibilidade para a formação do sistema pré-consciente, ainda que este necessite de representações-palavra para ser passível de

<sup>31</sup> Freud, S. "Lo inconciente" in *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916), v. XIV, p. 174

<sup>32</sup> Freud, S. "Carta 52" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (1886-1899), v. I, p. 276

consciência. A consequência natural desses processos de inibições e traduções, que constituem as operações psíquicas, seria a própria estruturação e consolidação do aparelho psíquico; e vemos assim que eles são constitutivos do próprio desenvolvimento da linguagem. Como explica Daniel Heller-Roazen, comentando esse ponto a partir de uma sugestiva comparação,

*O papel da tradução no modelo psíquico (da Carta 52) é decisivo. Mas os processos invocados por Freud parecem ter pouco em comum com a atividade literária usualmente denotada pelo termo tradução. É difícil dizer como poderia existir um tradutor quando a consciência ainda não emergiu. No campo em que os primeiros signos seguem as percepções, que por sua vez excluem toda a memória, tais signos não podem representar um texto original a ser traduzido. Estritamente, podem ser apenas versões (versões das versões) que apontam para um evento que, em si mesmo, é irredutível a toda espécie de notação.<sup>33</sup>*

Ainda que Heller-Roazen invoque a necessidade de uma atividade consciente originária para que haja tradução, o fato é que o modelo da "Carta 52", que fora reformulado na *Interpretação dos sonhos*, mostra que os estímulos que atingem a percepção são percebidos como conscientes (sistema P-Cs), e que a consciência está associada à percepção, mas não à memória, o que implica uma perda da consciência, que só será resgatada posteriormente, numa terceira transcrição no sistema pré-consciente, pela ligação com representações-palavra. Ora, ainda que a tradução que ocorre na fronteira entre duas épocas, ou, em termos tópicos, entre um sistema e outro, seja anterior à tradução em palavras, que só ocorre posteriormente, a transformação de um estímulo numa linguagem inteligível para o sistema nervoso também implica uma tradução, mesmo que não envolva a consciência, mesmo que só posteriormente se torne consciente.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Heller-Roazen, D. *Echolalias. On the forgetting of language*, p. 143

<sup>34</sup> Ou, lembrando o que nos diz Torres Filho a propósito de um ponto similar na filosofia de Schelling, "já que sem linguagem não é possível pensar não só nenhuma consciência filosófica, mas nenhuma consciência em geral, a linguagem não pode ter sido fundada com consciência". Torres Filho, R. R. *Ensaio de filosofia ilustrada*, p. 28

O que parece invocar Heller-Roazen é que de um texto original, dos estímulos originais, só restam versões no aparelho psíquico, versões que não podem se aproximar desse original por não admitir uma notação em outras linguagens. No entanto, se levarmos em consideração a própria definição de tradução, processo por meio do qual tem-se a transformação dos termos de uma linguagem em outra, e, em alguma medida, uma adaptação da estrutura da linguagem receptora à de origem, podemos pensar esse processo de tradução dos moldes literários como eventos externos dotados de um determinado modo de expressão que se transformam numa linguagem adequada ao aparelho psíquico tanto no plano da significação quanto no de sua estrutura peculiar. Além de eventos que são traduzidos em uma linguagem própria, podemos observar eventos que não apenas foram traduzidos, mas incorporados, e que atualmente, de fato, não passam de representações, de versões que podem mesmo ser designadas como recriações destes eventos, como no caso das pulsões.

Para melhor explicar essa incorporação, cabe aqui lembrar que a excitação que percorre o corpo pode ser proveniente tanto de estímulos externos que o atingiram, quanto de estímulos internos, provenientes do próprio corpo. Segundo Freud, esses estímulos internos foram primordialmente estímulos externos a agir sobre os organismos vivos que ao longo da filogênese foram interiorizados e na atualidade agem internamente, como no caso específico das pulsões: "as pulsões, ou ao menos uma parte delas, são decantações da ação dos estímulos exteriores que no curso da filogênese influenciaram a substância viva, modificando-a".<sup>35</sup>

Para Binswanger, todas as transformações pulsionais, sejam elas sociais ou egoístas, de maus ou bons instintos são, para Freud, produzidas por *coação*, sendo que originariamente, na história da humanidade, elas teriam sido exclusivamente exteriores.<sup>36</sup> Cabe lembrar que, segundo Freud, se tomarmos a via da filogênese, retrocedendo do homem até os organismos extremamente simples, poderemos intuir que todos os estímulos, que inicialmente vieram do exterior, passaram por um longo processo de

<sup>35</sup> Freud, S. "Pulsiones y destinos de pulsión" in *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916), v. XIV, p. 116. Além de falar da decantação das pulsões em *Pulsões e seus destinos*, Freud se refere diretamente a um estímulo exterior interiorizado: "Pode ocorrer que um estímulo seja interiorizado, por exemplo, se ataca ou destrói um órgão; então se engendra uma nova fonte de excitação continuada e de incremento de tensão". Cf. "A repressão", p. 141.

<sup>36</sup> Binswanger, L. *Discour, parcours et Freud*, p. 205

interiorização e que "os estados afetivos estão incorporados (*einverleiben*) na vida psíquica como sedimentações de antiquíssimas vivências traumáticas".<sup>37</sup>

Em *Para além do princípio do prazer* (1920), Freud recorre ao exemplo de um organismo vivo em "sua máxima simplificação", uma vesícula excitável que sofre o embate de estímulos exteriores, os quais contêm grande quantidade de energia que, por sua vez, acaba promovendo o desenvolvimento de uma proteção **antiestímulos** ao redor da vesícula. Há uma transformação da camada mais externa de matéria viva em material inorgânico que age como se fosse um filtro de quantidades de energia, evitando assim a passagem de grandes quantidades que poderiam ser fatais. Com o desenvolvimento da proteção, quantidades reduzidas continuam a estimular o organismo e servem de indício para que ele possa "averiguar a orientação e a índole dos estímulos exteriores".<sup>38</sup> É a partir dessa necessidade de proteção que podemos observar, numa escala filogenética, o desenvolvimento de órgãos receptores especializados, e afirmar que, no caso dos organismos complexos, a modificação ocorreu por meio de uma internalização da camada receptora de estímulos da antiga "vesícula" para dentro do corpo. Ainda que de maneira incompleta, os órgãos sensoriais foram mantidos como receptores de estímulos externos. Estes órgãos filtram a energia externa pela sua própria especificidade de recepção. A retina, por exemplo, só é capaz de captar os estímulos luminosos que se encontram no espectro visível, assim como o tímpano é sensível apenas às ondas mecânicas sonoras dentro do espectro audível e não a outros tipos de onda, como, por exemplo, as eletromagnéticas. Tais órgãos são tradutores de estímulos, capazes de transformá-los numa linguagem apropriada ao sistema nervoso, linguagem esta que é, por sua vez, sucessivamente traduzida, até chegar a ser uma representação cortical **recriada** do estímulo externo.

Como já mencionamos anteriormente, o processo de tradução incorre na inibição das inscrições anteriores entre os sistemas no aparelho psíquico proposto por Freud. Mas podemos encontrar outras inibições como esta que estão relacionadas ao funcionamento do aparelho psíquico tanto no desenvolvimento neurológico infantil quanto na linguagem.

Para que haja o desenvolvimento do sistema nervoso na criança, é necessária uma progressiva inibição dos reflexos primitivos para que o movimento voluntário se realize,

<sup>37</sup> Freud, S. "Inhibición, síntoma y angustia" in *Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras* (1925-1926), v. XX, p. 89

<sup>38</sup> Freud, S. "Más allá del principio de placer" in *Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras* (1920-1922), v. XVIII, p. 27

ou seja, uma inibição de circuitos neurais primitivos para que posteriormente outros se constituam. Por exemplo, no bebê deve haver uma inibição da marcha automática para que ele posteriormente possa realizar os movimentos de flexão e extensão voluntária das articulações dos membros inferiores. Esse processo também pode ser descrito em termos estritamente linguísticos, como faz, por exemplo, Roman Jakobson: "a criança **perde** quase todas suas habilidades para produzir sons ao passar de um estágio pré-linguístico ao da aquisição das palavras, isto é, ao [passar] para o primeiro genuíno estágio da linguagem".<sup>39</sup> Jakobson diz que "durante o período de balbucio, a criança produz uma ampla variedade de sons, sendo que quase todos são eliminados ao passar para um estágio em que são faladas poucas palavras".<sup>40</sup> Nesse último período, é comum na criança a repetição dos sons, fazendo com que se torne familiar a imagem motora de palavra na presença da imagem acústica da palavra correspondente de modo que a palavra adquira um valor fonológico. Dessa maneira, ao procurar adaptar-se ao que há ao seu redor, a criança aprende a reconhecer tanto o que ouve quanto aquilo que emite o som, e diferencia o que ficou retido na memória daquilo que é capaz de reproduzir. Ao realizar tais distinções, torna-se capaz de separar o que é próprio do que não é, e os valores fonológicos tornam-se intersubjetivos, e não apenas subjetivos, impelindo a própria linguagem na direção da significação.

Temos assim que na formação do sistema fonético da criança há certa regularidade na sucessão das aquisições, o que diz respeito, no mais das vezes, à constituição de uma sequência temporal e invariável. Essas aquisições compõem uma hierarquia universal e invariável, ou seja, se a hierarquia é baseada numa temporalidade das aquisições, os valores fonéticos encontram-se igualmente ligados a elas de modo hierárquico e temporal, o que implica uma relação de solidariedade irreversível, isto é, uma relação em que um valor secundário não pode existir sem um valor primário, e este, por sua vez, não pode ser eliminado sem um secundário. Ainda que de maneira negativa, essa relação pode ser observada nos distúrbios afásicos que reproduzem a ordem reversa da aquisição da linguagem, isto é, "as camadas mais altas são eliminadas antes das mais baixas", ou mais especificamente, temos que "as vogais nasais (ou palatais; em português é, ê, i) tendem a desaparecer antes das consoantes alveolares (n, l e r) e, essas últimas, antes das consoantes produzidas na região anterior da boca (p e b)".<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Heller-Roazen, D. *Echolalias: on the forgetting of language*, p. 10

<sup>40</sup> Jakobson, R. *Studies on child language and aphasia*, p. 8

<sup>41</sup> Jakobson, R. *Studies on child language and aphasia*, p. 13

Dessa forma, a palavra, assim como os fonemas, é integrada a um sistema estratificado no qual são designados valores que obedecem à estrutura fonológica, e, portanto, falar implica numa seleção de elementos linguísticos bem como na combinação destes em unidades linguísticas com graus de maior complexidade.

Jakobson se refere a gestos vocais que formam, tais como expressões exclamativas ou onomatopaicas, um estrato distinto, pois parecem buscar sons que seriam inadmissíveis em outro lugar. Na fala onomatopaica da criança, observa-se um valor expressivo inusual, como, por exemplo, a designação de um mesmo som tanto para o latido do cachorro quanto para a própria representação do animal, sendo diferenciáveis apenas por uma variação da entonação do som.<sup>42</sup> Ainda que tais expressões possam ser observadas na linguagem já consolidada de um adulto, aparecem como uma fala remanescente do período do balbuciar, como um eco, um resgate de um estrato anterior.

Ao compararmos o modelo da aquisição da linguagem pela estrutura estratificada de Jakobson, reiteramos a posição freudiana de um aparelho de linguagem estratificado e baseado em níveis funcionais. Mas, podemos ainda estender a afirmação de Freud quanto aos processos psíquicos serem correlatos dos processos fisiológicos, e ver na aquisição da linguagem o próprio desenvolvimento do aparelho psíquico, baseado em estratos funcionais que se encontram intrinsecamente relacionado às representações formadas desde estímulos externos ou internos, ou mais especificamente para estes últimos, as pulsões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINSWANGER, L. *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne: discours, parcours et Freud*. Trad. Roger Lewinter. Paris: Gallimard, 1970.

FORRESTER, J. *Language and the origins of psychoanalysis*. New York: Columbia University Press, 1980.

FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies*. Trad. Claude van Reeth. Paris: PUF, 1983.

\_\_\_\_\_. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)*, v. I. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

<sup>42</sup> Jakobson, R. *Studies on child language and aphasia*, p. 9

\_\_\_\_\_. *Estudios sobre la histeria* (1893-1895), v.II. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004

\_\_\_\_\_. *La interpretación de los sueños (primera parte)* (1900), v. IV. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

\_\_\_\_\_. *La interpretación de los sueños (segunda parte); Sobre el sueño* (1900-1901), v. V. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

\_\_\_\_\_. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916), v. XIV. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

\_\_\_\_\_. *Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras* (1920-1922), v. XVIII. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

\_\_\_\_\_. *Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras* (1925-1926), v. XX. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

FULLINWIDER, S.P. "Sigmund Freud, Jonh Hughlings Jackson and speech". In: *Journal of the history of ideas*, v. 44, No 1, 1983.

GREENBERG, V. D. *Freud and his aphasia book*. New York: Cornell University Press, 1997.

HELLER-ROAZEN, D. *Echolalias on the forgetting of language*. New York: Zone Books, 2005.

JAKOBSON, R. *Studies on child language and aphasia*, Paris/The Hague: Moutoun, 1971.

MONZANI, L. R. "O paradoxo do prazer em Freud". In: FULGENCIO, L. e SIMANKE, R. T. (Orgs.), *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

TORRES FILHO, R. R. "O simbólico em Schelling". In: *Ensaio de filosofia ilustrada*. 2 edição. São Paulo, Iluminuras, 2004.